

---

## OS HERÓIS COMO EXEMPLOS MORAIS: AS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS ESCRITAS POR VALENTIM BENÍCIO DA SILVA ATRAVÉS DA LINHA EDITORIAL DA BIBLIOTECA MILITAR

## HEROES AS MORAL EXAMPLES: BIOGRAPHICAL NARRATIVES WRITTEN BY VALENTIM BENICIO DA SILVA THROUGH THE EDITORIAL LINE OF THE MILITARY LIBRARY

---

Priscila Roatt de Oliveira<sup>1</sup>,  
Mestranda em História UFSM  
priscilaroatt@gmail.com

**RESUMO:** O artigo visa analisar as biografias produzidas por Valentim Benício da Silva através da linha editorial da Biblioteca Militar. Duas temáticas serão abordadas: as narrativas biográficas e o anticomunismo no Exército, partindo dos discursos presentes na historiografia produzidas pelo o Exército durante o Estado Novo, relacionando-os com outras fontes produzidas pelos militares, relatórios dos Ministros da Guerra, revistas militares, etc. Na primeira parte, busco demonstrar as concepções históricas presentes na historiografia de Valentim Benício da Silva e de outros escritores da editora do Exército. Demonstro que as narrativas biográficas possuíam um caráter moralizante, o herói era representado como indivíduo exemplar, modelo de contemplação e identificação. Na segunda parte, tratarei das duas conceituações binárias presentes nos discursos do Exército e da Biblioteca Militar, o herói e o não herói. Ambos os conceitos serviam como estratégias políticas complementares, que visavam exemplificar através da história e do passado, a função dos soldados na sociedade, que era o afastamento da política, defesa do governo e uma conduta legalista no interior do Exército. Ao mesmo tempo, que se reforça o exemplo dos heróis como indivíduos legalistas, que apesar de todos os sacrifícios da carreira militar, nunca traíram a instituição castrense por motivos políticos. Uma produção anticomunista buscou representar os membros da Aliança Nacional Libertadora como traidores do Exército.

**PALAVRAS CHAVES:** Exército. Estado Novo. Biografias

**ABSTRACT:** The article analyzes the biographies produced by Valentine Benicio da Silva through the editorial line of the Military Library. Two themes will be addressed: the biographical narratives and anticommunism in the Army, based on the discourses present in the historiography produced by the Army during the "Estado Novo" (New State), linking them with other sources produced by the military, reports of the Ministers of War, military journals, etc. In the first part, I seek to demonstrate the historical conceptions present in the historiography of Valentim Benicio da Silva and other writers from the Army's publisher. I demonstrate that the biographical narratives contained a moralizing character, the hero was represented as an exemplary individual, contemplation and identification model. The second part will deal with binary conceptualizations of the Army's discourse and Military Library, the hero and non-hero. Both concepts served as complementary politics strategies, were intended exemplify through history and the past, the role of soldiers in society, which was the distance from

---

<sup>1</sup> Bolsista Capes, desenvolve o projeto de pesquisa: As Narrativas Biográficas de Valentim Benício da Silva através da linha editorial da Biblioteca Militar, sob orientação do professor Dr. André Átila Fertig.

policy, government defense and a legalistic conduct in the Army. At the same time, it reinforces the example of heroes like legalistic individuals, that despite all the sacrifices of military career, never betrayed castrense institution for political reasons. An production against communism sought to represent the members of the "Aliança Nacional Libertadora" (National Liberation Alliance) as Army traitors.

**KEYWORDS:** Army. "Estado Novo" (New State). Biographies

## Introdução

Em 1937, no interior do Exército foi fundada uma editora que buscou divulgar uma historiografia produzida por simpatizantes ou militares. O fundador da linha editorial da Biblioteca Militar, Valentim Benício da Silva recebeu apoio das principais lideranças militares do período e aval do Ministro da Guerra, Eurico Dutra. As obras publicadas pela editora estavam vinculadas as concepções ideológicas de um grupo de militares que ascenderam ao poder durante a era Vargas. Antes da editora do castrense, existia uma vasta produção historiográfica de militares sobre o Exército, mas através dessa linha editorial a própria instituição castrense buscou produzir e divulgar uma historiografia institucional.

Dois temas destacaram-se na produção da Biblioteca Militar: as narrativas biográficas e o anticomunismo. Na primeira parte do artigo busco analisar as concepções de história presentes na historiografia do Exército, a ideia da escrita como uma forma de imortalidade, como os militares escritores concebiam o passado da sua instituição. Na segunda parte, busco discorrer sobre como essas narrativas biográficas transformavam as trajetórias dos heróis em exemplos morais. Mas demonstro que a promoção do heróico como forma de identificação pelo Exército no Estado Novo, também possuía o seu oposto: o não herói. Conceito associado aos comunistas, depois dos levantes da Aliança Nacional Libertadora em 1935.

Parto das concepções presentes no livro *Em Guarda Contra o Comunismo* (1938), relacionando com outros discursos do Exército, relatórios dos Ministros da Guerra e revistas militares. Durante a análise das fontes percebi duas figuras identitárias presentes nessa historiografia, figuras opostas, mas complementares: o traidor e o herói. Ambas possuíam finalidades moralizantes, através do passado buscavam exemplificar os bons e os maus modelos de condutas para soldados do Estado do Novo.

## **A Biblioteca Militar e suas concepções de História**

No final da década de 1930, com a criação do Instituto de Geografia e História do Brasil (IGHMB), em 1936, e a fundação da linha editorial da Biblioteca militar em 1937, o Exército assumiria a função de produzir e divulgar a sua versão dos acontecimentos históricos.

O Instituto teria a finalidade de estudar os aspectos militares da história do Brasil, e a editora possuiria a função de divulgar essa literatura, através de três coleções principais intituladas: Os Nossos Soldados, Obras Patrióticas e Obras de Educação. Alguns militares membros do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil teriam suas obras publicadas pela Editora do Exército, como Tasso Fragoso, Francisco Paula Cidade e Valentim Benício da Silva. Parte significativa das publicações da editora eram obras historiográficas e biográficas, que abarcavam temas como Guerra do Paraguai, Revolta Farroupilha, heróis do Exército, etc.

Para esses historiadores existia uma necessidade de immortalizar os heróis e os grandes eventos do Exército, através da escrita da história. A concepção que a escrita seria o meio mais eficaz para “preservar” e “salvar” do esquecimento os fatos do passado, provém de um regime de historicidade antigo. Segundo Aleida Assmann, desde os egípcios antigos existia o enaltecimento da escrita como o medium mais seguro da memória, nos escritos mais tardios, tornou-se um topos fixo a noção de que a escrita permaneceria intocada pela ação do tempo e que seria um meio para imortalidade (2011, p. 195). Nos períodos posteriores essa concepção ainda vigorava:

Retratos e construções materiais são destruídos no tempo e partilham, assim, o destino do corpo sem vida que eles representam. Onde se fala de escrita, ao contrário, prevalece uma reivindicação de imortalidade; com isso se evidencia a indiferença do tempo ou a força renovadora do tempo (ASSMANN, 2011, p. 206).

A historiografia militar que foi produzida pelo Instituto de Geografia e História do Brasil e divulgada pela linha editorial da Biblioteca Militar era herdeira da concepção da

escrita como meio de imortalizar o passado. Além disso, os escritores militares desconfiavam das fontes históricas que não eram documentos escritos.

No livro Antônio João (1938), de Valentim Benício da Silva, o autor colocou sua desconfiança em relação à tradição oral, que para ele seria deturpada pela inveja ou apagada pela ignorância. Para narrar a trajetória do militar e herói da Guerra do Paraguai, Antônio João Ribeiro, Silva buscou utilizar como fontes documentos do Exército e obras historiográficas. A escrita diferente da oralidade, para o autor, permitia conhecer o passado sem supressões ou deformidades.

Mas nem todos os indivíduos membros do Exército teriam suas vidas imortalizadas através da historiografia. Nos livros históricos e biográficos da editora do Exército, os personagens principais eram os heróis, que pelos seus atributos ou características, se diferenciavam dos sujeitos anônimos da história. Essa perspectiva biográfica valorizava a ação dos grandes homens, em detrimento dos outros sujeitos comuns que recebiam um tratamento coletivo.

Essa concepção de história estava presente no livro de Lobo Viana, Tuiuti é Osorio, Osorio é Tuiuti de 1941. Em tal historiografia, Viana buscou descrever uma batalha específica da Guerra do Paraguai, sua narrativa buscou valorizar a ação das lideranças militares do conflito, nas palavras do autor dos heróis que pelos seus atos heroicos “estão na vasta catedral da pátria” (1940, p.55). Por outro lado, os outros personagens comuns foram representados através da quantificação, números de mortos ou vivos, quantidade de soldados de cada país envolvido no conflito.

Parte significativa da produção bibliográfica da editora do Exército durante o Estado Novo era composta por biografias de heróis do Exército brasileiro. Segundo um catálogo da Biblioteca Militar, entre os anos de 1938 a 1941, dos 75 livros publicados, 16 eram narrativas biográficas sobre heróis do Exército<sup>2</sup>. A escolha por narrar a vida dos heróis deve ser compreendida através da concepção de história dos militares e de como eles concebiam o passado e o futuro de sua instituição.

No Brasil na década de 1930, a historiografia brasileira sofreu transformações conceituais através das obras de Sérgio Buarque de Holanda, que foi influenciado pela

<sup>2</sup>Dentro de um catálogo da editora militar presente no livro de Barnabé Mesquita, Exército, Fator de Brasilidade (1941).

sociologia de Max Weber, de Gilberto Freyre que nos Estados Unidos entrou em contato com as renovações teóricas na área antropológica que culminaram com uma abordagem histórica, social e cultural da formação do Brasil, no livro Casa Grande e Senzala (1933). As biografias também sofreram transformações em suas formas de narrar à vida dos indivíduos. Tendências narrativas biográficas defendiam uma visão mais “humana” do biografado, que mostrasse os limites das ações individuais (vícios e virtudes), em oposição ao modelo heroico, fonte de todas as qualidades humanas.

Mas essas obras não foram influentes dentro do Exército, os historiadores militares continuaram realizando narrativas históricas dos grandes heróis e eventos do passado, semelhantes aos discursos historiográficos e biográficos que foram produzidos pelo Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, no século XIX. Para François Hartog diferentes concepções de tempo e de história convivem dentro da sociedade, e podemos analisá-las através do conceito de regime de historicidade:

Definamos o que é e o que não é regime de historicidade. Ele não é uma realidade dada. Nem diretamente observável nem registrado nos almanaques dos contemporâneos; é construída pelo historiador. Não deve ser assimilado às instâncias de outrora: um regime que venha suceder: um regime que venha suceder o outro, independente de onde venha. Não coincide com as épocas [...] e não se calca absolutamente nestas grandes entidades vagas que são as civilizações [...] Conforme domine a categoria do passado, do futuro e do presente, a ordem do tempo resultante não será a mesma. Por essa razão, certos comportamentos, certas ações, certas formas de historiografia são mais possíveis que outras, mas harmônicas ou defasadas do que outras, desatualizadas ou malogradas. (HARTOG, 2013, p.12)

Conforme os historiadores articulam as noções de passado, presente e futuro, diversas concepções de historiografia são possíveis Para Hartog, há uma relação entre um passado esquecido ou demasiadamente lembrado, entre um futuro que quase desapareceu no horizonte ou entre um porvir ameaçador, um presente imediatista (2013, p.16). As relações entre as categorias históricas são variadas, dependem das relações das sociedades com o tempo.

Portanto, dentro de uma sociedade, diferentes regimes de historicidades coexistem, não sendo improváveis em um mesmo período histórico, duas tendências diferentes, como análises sociológicas e antropológicas conviverem com abordagens consideradas antigas ou ultrapassadas da história, como narrativas de eventos e de indivíduos. Essas questões estão

atreladas ao lugar de produção da historiografia e as regras de controle dos discursos históricos (CERTEAU, 1982, p.57). Para autores preocupados com descrição de estruturas, narrativas biográficas de heróis eram insuficientes para compreender o passado ou a formação do Brasil. Aos escritores militares, vinculados ao Exército e a linha editorial da Biblioteca Militar, através da vida dos grandes dos militares era possível demonstrar a importância do Exército na constituição da sociedade brasileira.

O regime de historicidade pode contribuir na análise de como uma sociedade ou grupos humanos organizam suas experiências temporais, quais as suas relações com o passado, que formas ou mídias utilizam para recordar ou rememorar os seus eventos passados.

No caso da pesquisa em questão, o conceito de regime de historicidade pode elucidar como os historiadores militares da Biblioteca Militar concebiam o passado, o presente e o futuro de sua instituição durante o Estado Novo. Na concepção dos militares do Exército, o passado histórico era um exemplo, um modelo, um espelho e um depósito de experiências humanas. A história era concebida como mestra da vida, ou seja, os fatos do passado serviam como exemplos para homens do presente.

Segundo Reinhardt Koselleck, a concepção da história como mestra da vida iniciou com os primeiros historiadores gregos e tinha a finalidade de mostrar o passado como um exemplo para homens do presente. Para esse teórico, essa perspectiva historiográfica concebeu a história como depositária das múltiplas experiências humanas, nas quais os homens realizavam apropriações com objetivo pedagógico de repetir o sucesso ou evitar os erros do passado (2006, p. 42-50). A biografia como uma categoria da história nesse período, também possuía o mesmo regime de historicidade. Na obra, *As Vidas Paralelas*, o romano Plutarco mencionou que a história dos grandes homens seria um espelho para reger a vida (SCHIMIDT, 2003, p. 58.).

No século XVIII, no período democrático depois da Revolução Francesa ocorreu uma valorização dos homens comuns que pelos seus esforços pessoais e qualidades conseguiam ascender socialmente. Mas segundo Susana Boeira existia uma diferenciação entre os grandes homens, que cresceram individualmente, e os heróis, que eram considerados extraordinários e inalcançáveis (2013, p. 115). Assim as narrativas biográficas diferenciavam os heróis dos homens incomuns, mas ambos eram modelos serviam como uma inspiração para o leitor pelo caráter exemplar do personagem erigido como santo ou herói (DOSSE, 2009, p.406).

Da mesma forma, as narrativas biográficas vinculadas ao Instituto de História e Geografia do Brasil, no século XIX, possuíam uma finalidade pedagógica. Para Temístocles Cezar, as biografias do IHGB visavam determinar os lugares dos homens comuns e dos heróis na sociedade: “uns fazem aquilo que outros devem imitar” Segundo o historiador, os homens comuns são chamados para observar a grandeza dos atos heroicos dos grandes indivíduos, sendo os primeiros passivos e os segundos agentes ativos da história. Essa assimetria entre ativos e passivos não correspondia apenas uma contemplação, mas sim uma atitude de inserção cultural, quando os sujeitos comuns imitam os atos “nobres” e a boa conduta dos heróis (CEZAR, 2013, p. 73-94).

No Brasil, o monopólio dos institutos históricos como lugares privilegiados para as produções historiográficas foi progressivamente perdendo força, na década de 1930. Segundo Wilma Peres Costa (2005, p. 74), no período que estende de 1930 a 1960, foi um momento de intensas renovações e de quebra dos cânones historiográficos dos institutos históricos.

Mas como mencionei antes, os historiadores militares continuaram realizando uma história de heróis e de eventos. A ideia do herói como um indivíduo com características incomuns, que servia como exemplos para os sujeitos sem atributos significativos era típica dessa concepção de história como mestra da vida. Existiam semelhanças entre as formas que os militares da Biblioteca do Exército e os historiadores do IHGB escreviam suas narrativas biográficas, em ambos o caso a história servia como modelo para as ações dos contemporâneos. As biografias heroicas da biblioteca militar tinham um caráter moralizante:

[...] Foi ali à margem daquele rio, à sombra daquelas mesmas laranjeiras, à frente de um rancho talvez igual ao que lá existe, junto de uma paliçada que o tempo devorou, protegido pelo fosso de que ainda existem vestígios, foi ali que a mão firme de um soldado traçou o seu próprio testamento, legando à posteridade, o mais sublime exemplo de bravura, de abnegação, de renúncia, de patriotismo (SILVA, 1938, p. 08)<sup>3</sup>.

Na citação acima, o autor Valentim Benício da Silva descreveu o local que ocorreu uma batalha da Guerra do Paraguai, na qual o militar Antônio João Ribeiro morreu em

<sup>3</sup> Em todas as citações das fontes biográficas optei por reproduzir a escrita e a grafia exata das palavras utilizadas por Valentim Benício da Silva e demais autores que tiveram obras publicadas pela linha editorial da Biblioteca Militar.

combate. As palavras de Silva demonstram que a vida de Antônio João servia como um exemplo, um legado para posterioridade. Outra relação estabelecida com tempo nessa historiografia era que o presente como um continuum do passado, assim a função do Exército nos tempos de outrora ou durante o Estado Novo, seria a mesma.

O escritor José de Barnabé de Mesquita no livro *Exército, Fator de Brasilidade* (1940) exprimiu essa concepção temporal. Nessa obra, Mesquita criou uma narrativa linear da história do Exército, narrando desde os primeiros momentos da organização, os eventos importantes como as revoltas regenciais, Guerra do Paraguai, proclamação da República, finalizando com a função do Exército no Estado Novo. Para o autor, a função do Exército sempre foi legalista e nacional, ou seja, sempre atuou a serviço da nação. O passado servia para legitimar a ação do Exército no presente, a intervenção na política.

Uma característica da história como mestra da vida era visão do tempo como cíclico, mas nessa historiografia da linha editorial da Biblioteca Militar a concepção cronológica não era circular. Mas permanecia a ideia que o passado era um exemplo para o presente, do Exército possuindo a mesma função em todos os momentos da história do Brasil, por isso o regime de historicidade que prevalecia era o tipo antigo. Porém algumas características oriundas da historiografia moderna estavam presentes como a linearidade<sup>4</sup>.

Por exemplo, durante o Estado Novo, três biografias foram publicadas pela editora sobre o militar Manoel Luís Osorio, Osório, de Onofre Gomes Muniz (1938), Osório na Infância, na Adolescência, na Imortalidade, de Valentim Benício da Silva (1939) e Tuiutí é Osorio, Osorio é Tuiutí, de Lobo Vianna (1940). Nessas narrativas biográficas, a trajetória de Manoel Luís Osorio foi concebida através da linearidade cronológica, com em um caminho unidirecional, com começo, meio e fim (BOURDIEU, 2006, 183-185). Para tais escritores militares, Manoel Luís Osorio apresentava características que mostravam seu destino glorioso e heroico como militar desde a infância:

Eis meninas da Fundação Osório, de onde veio, o que foi, o que levou à sociedade o vosso glorioso patrono: esperanças na meninice, vigor, beleza, arrojo, bravura, amor, cavalheirismo e nobreza na mocidade, glórias e glórias e glórias na idade madura e na velhice; trabalho honradez, abnegação em toda vida; e no túmulo...exemplo aos seus descendentes, exemplo à pátria

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento sobre os topos antigos e modernos, ver Reinhart Koselleck (2006).



que idolatra com o mesmo amor que ele conduziu às batalhas. (SILVA, 1939, p. 28)

Valentim Benício da Silva realizou esse discurso nesse educandário de meninas em 1939, depois o texto foi publicado pela editora militar no mesmo ano. Como ficou nítido, na citação acima, o autor resumiu as fases da vida de Manoel Luís Osorio linearmente, da juventude até velhice, exaltando as qualidades desse indivíduo que seriam legados para a pátria. As palavras glorioso patrono, bravura, nobreza, honradez foram utilizadas para demonstrar que Osorio era um grande homem e foi idolatrado no Brasil.

Os biógrafos militares de Manoel Luís Osorio visaram demonstrar como esse personagem modificou a história através de seus atos, de suas atitudes de lideranças e decisões no campo da batalha na Guerra do Paraguai. Eles reforçaram que por essas características extraordinárias, Osorio virou patrono e modelo do Exército, nas palavras de Valentim Benício da Silva, ao morrer “foi para alto, para imortalidade” (SILVA, 1939, p. 28).

Mesmo que as narrativas biográficas narravam às trajetórias dos heróis militares linearmente, o sentido pedagógico do passado permanecia. A história continuava como mestra da vida, para os historiadores da linha editorial da Biblioteca Militar era possível aprender com atos heroicos dos grandes indivíduos do Exército.

Conforme Koseleck, todas as histórias foram constituídas pelas experiências e pelas expectativas vivenciadas. Para o autor existem duas categorias históricas, que remetem uma condição humana universal, sem qual a história não seria possível: o espaço de experiências e horizonte de expectativas. As experiências de cada indivíduo podem ser transmitidas por gerações e instituições, já as expectativas estão voltadas para o futuro do presente, para o não experimentado (2006, p. 326). Para Hartog, o tempo histórico é produzido pelas tensões existentes entre o campo de experiências e o horizonte de expectativas.

No Estado Novo, o passado e o presente da instituição militar apareciam como gloriosos na historiografia da Biblioteca Militar. Mas existia um horizonte de expectativas, um possível futuro que era temido dentro do Exército, que causava porvir e medo: a ascensão do comunismo.

## **Entre heróis e vilões: o anticomunismo e as narrativas biográficas através da linha editorial da Biblioteca Militar**

A linha editorial da biblioteca militar surgiu em um contexto de anticomunismo dentro das forças armadas. O primeiro livro lançado pela editora do Exército (em 1938) foi em Guarda Contra o Comunismo, obra que reunia diversos artigos contrários a essa ideologia. Anteriormente, após a insurreição da Aliança Nacional Libertadora em 1935, o Exército intensificou a desqualificação desse movimento de influência comunista, o intitulando de Intentona, nomenclatura que sugere uma ação desorganizada, patética, etc. Além disso, dentro do Exército foi criado o culto das vítimas que lutaram contra essas insurreições.

Segundo Celso Castro, os militares comunistas foram perseguidos e acusados de dupla traição: pelo Estado, sendo considerados traidores da pátria a serviço de Moscou, pelas Forças Armadas, por quebrarem a hierarquia e a disciplina de tais instituições (2002, p. 49). Nos anos seguintes, dentro da instituição castrense, alta cúpula militar buscou refutar essa ideologia, criando uma aversão ao comunismo, através de ritos, eventos comemorativos, discursos, cultos, etc.

Em um artigo do Livro em Guarda Contra o Comunismo, Getúlio Vargas declarou que o comunismo pretendia destruir a família, a pátria e a religião. Nas cartas pastorais presente na mesma obra, os religiosos acusam que no comunismo a família deixaria de ser uma instituição sagrada. As acusações contrárias ao comunismo em tal livro partem de diversas lideranças da sociedade, religiosas, militares, civis e políticas<sup>5</sup>.

Nesse período, instituições como a Igreja, o governo e entre outras foram responsáveis por propagar discursos contrários ao comunismo. Mas foi o Exército que assumiu a responsabilidade de combater essa ideologia dentro da sociedade. O temor das ações comunistas permitiu a continuação de Getúlio Vargas no poder, através do falso plano Cohen e da concretização do golpe do Estado Novo, com apoio de facções de militares. Mas Vargas não possuía apoio de todos os grupos de militares, grande parte dos indivíduos que

<sup>5</sup> Ver Natália Vial de Oliveira (2010).

participaram das ações da Aliança Nacional Libertadora eram militares que apoiavam Luís Carlos Prestes.

Na década de 1930, o Exército estava fragmentado em diversas facções políticas, comunista, integralistas, revoltas internas entre rebeldes e legalistas, oficiais e subalternos. Nesse contexto, reformas foram efetuadas, visando reforçar a hierarquia interna e unidade da corporação pelas lideranças militares apoiadoras do governo de Vargas. Essas medidas reformistas foram efetuadas, juntamente com o combate armado contra os militares insurgentes (CARVALHO, 1999, p. 60).

A partir do Estado Novo a corrente próxima ao governo conseguiu tornar-se hegemônica dentro da instituição militar e seus aliados buscaram impor suas ideologias para o restante da corporação e reprimir tendências contrárias. De todas as manifestações políticas intituladas de exóticas e estrangeiras, o comunismo era a ideologia mais temida e reprimida no interior do Exército.

Os discursos do livro, *Em Guarda Contra o Comunismo*, buscaram desqualificar e criar uma imagem negativa dos comunistas. Para os autores o comunismo seria um retorno ao primitivismo e barbárie, o fim da civilização ocidental. Em um dos artigos, Bastos Tigre caracterizou os ataques da ALN como ataques diabólicos e infernais, exemplos da selvageria primitiva e da bestialidade humana. Criou-se uma imagem do inimigo como não humano, como bestas irracionais. O esquecimento deliberado da condição de ser humano dos comunistas permitiu não só a perseguição desses indivíduos, como uma justificativa para a brutalidade que foi utilizada pelo governo e as instituições repressoras da sociedade no combate ao comunismo.

O culto das vítimas que lutaram contra as ações da Aliança Nacional Libertadora era outro elemento que buscava desqualificar o comunismo. O livro *Em Guarda Contra o Comunismo* relatou a criação de um projeto de construção de um monumento em “memória dos mortos que lutaram pela pátria” durante a “Intentona Comunista”. Em uma matéria da *Revista a Defesa Nacional* de 1945, ocorreu todo um relato da cerimônia cívica em homenagem aos mortos da “Intentona” no cemitério São Batista. Os soldados mortos foram descritos como indivíduos que sacrificaram a vida em defesa das principais instituições da sociedade. Ao contrário dos comunistas, esses indivíduos foram lembrados como exemplos de patriotismo. Os comunistas traidores eram modelos da barbárie causada por uma ideologia,

enquanto os heróis vítimas da “Intentona” eram exemplos dos indivíduos que lutaram pela pátria e pela civilização.

No Estado Novo, o culto das vítimas da “Intentona Comunista” e permitiu criar dentro do Exército um clima de solidariedade (COELHO, 1976, p. 76). A idéia de um inimigo comum e a necessidade de honrar os soldados que morreram em prol dessa missão permitiu a solidariedade entre os militares. O ressentimento que surgiu em torno das ações dos comunistas criou um clima de união dentro de uma instituição que na década anterior estava fragmentada em diversos grupos políticos.

Como afirma Pierre Ansart, o ódio depois de manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapola as rivalidades internas, permite uma coesão, uma forte identificação de cada um com seu grupo (2005, p. 22). Nas disputas políticas, ódio comum possibilita o esquecimento das querelas internas e assegura a união. As conceituações negativas dos comunistas permitiram uma união em torno da necessidade de afastar esses elementos nocivos do Exército e da sociedade.

A missão do Exército tornou-se intervir quando necessário na política. No relatório do Ministro da Guerra de 1937, o militar Eurico Dutra afirmou que a instituição castrense tem de ser a guardiã da unidade federativa, da ordem, do progresso e da soberania nacional. Em outra parte do documento ministerial, ele afirmou a necessidade do Exército ser equipado para momentos que a razão deve ser imposta pelas armas.

No relatório do ano seguinte, 1938, Dutra reafirmou essa ideia ao mencionar que o governo sempre contará com apoio do Exército quando elementos nocivos ameaçam subverter a ordem e integridade da pátria. Mas não era qualquer soldado que poderia liderar uma intervenção no governo, Eurico Dutra em outro documento ministerial afirmou que somente a alta hierarquia do Exército e o Ministério da Guerra poderiam intervir na política quando necessário.

De forma sincrônica, as obras produzidas pela Biblioteca Militar enfatizavam a subordinação e o respeito às hierarquias militares. As narrativas biográficas de tal editora ressaltaram na trajetória dos heróis do Exército suas condutas legalistas. Em diversas passagens dessas obras os biógrafos enfatizaram as escolhas desses indivíduos manterem-se leais ao Exército.

Exemplo desse discurso foram biografias escritas por Valentim Benício da Silva e Onofre Gomes Muniz sobre Manoel Luís Osório, militar que atuou na Guerra do Paraguai. Tais biógrafos militares em diversos momentos das duas obras buscaram representar Manoel Luís Osório como indivíduo que apesar de todas as dificuldades da carreira militar, nunca se rebelou contra a corporação castrense, foram recorrentes as diversas passagens sobre sua conduta legalista e os sacrifícios que realizou em nome da profissão. Na passagem abaixo, o autor Onofre Muniz relatou um momento que Osório foi incentivado por amigos a protagonizar uma insurreição contra o Império:

Essa reunião tornou-se memorável porque foi nela que o grande soldado concitado por civis de significação intelectual, moral e política a hipotecar suas influências militares da Província para resistirem pelas armas, si preciso fosse, repeliu a impatriótica incitação revolucionária com a declaração de bronze: a minha espada, que desembainhei nos campos da Guerra para defender a Pátria e a ordem, nunca desembainharei no meio da paz para derramar o sangue de meus compatriotas. Edificante! (MUNIZ, 1938, p. 36)

A escrita de Manoel Luís Osório como legalista nas narrativas biográficas estava em sincronia com os discursos dos Ministros da Guerra. Para o ministro Eurico Dutra, todos os soldados e oficiais estariam fugindo dos seus deveres, quando desviavam de suas ocupações militares por competições políticas e partidárias. As narrativas biográficas de Manoel Luís Osório buscavam idealizar um modelo de bom soldado, que seria o indivíduo que apesar de todas as dificuldades oriundas da carreira militar, respeitava a hierarquia e as ordens dos seus superiores.

Para Reinhar Koselleck, as denominações que os indivíduos usam nas suas vidas cotidianas expressam suas identidades e suas relações com outras pessoas. Algumas palavras expressam reconhecimento mútuo, outros significados depreciativos e outras que provocam o não reconhecimento. Nas definições das identidades coletivas existem conceitos que visam incluir e excluir certos membros ou grupos. Os conceitos empregados pelos grupos sociais representam a busca por unidade na ação política e a formação de identidades políticas na sociedade (2006, p.191-193)

Assim heróis e não heróis dentro das narrativas biográficas de Valentim Benício da Silva representam concepções de identidades dos militares dentro da sociedade. Ao mesmo

tempo em que classificaram as ações corretas e erradas dentro da corporação castrense, esses conceitos dividiram binariamente os personagens históricos, entre os bons e os maus soldados.

Os heróis devem ser copiados, como modelos de virtudes, ao contrário dos traidores que recebiam como punição a expulsão do Exército. Dentro dessa perspectiva não existe a possibilidade de analisar a rememoração do herói sem compreender as concepções não heróicas, ambas estavam interligadas na formação de identidades dos soldados. Como afirma Koselleck, os conceitos indicam, criam e caracterizam unidades de ações, assim os conceitos utilizados por grupos representam comportamentos sociais, não apenas elementos lingüísticos e textuais.

A imagem do herói legalista exemplificava que o bom soldado era o indivíduo que respeitava as ordens dos superiores, que não utilizava o Exército como um meio político. Em contrapartida, a representação do traidor, visava demonstrar que certos comportamentos ideológicos e partidários não eram aceitáveis dentro das Forças Armadas. Os dois conceitos tinham finalidades morais visavam construir uma identidade militar associada à legalidade e o cumprimento do dever.

## Considerações Finais

No livro em Guarda Contra o Comunismo percebemos no prefácio, através das palavras do autor, a construção de uma narrativa de repulsa, de uma batalha entre o bem e o mal:

É um livro ditado pelo momento histórico que atravessamos. É um brado de consciência espontâneo, partido de várias bocas, emitido em vários idiomas, expressão simbólica de sentimentos bons que se contrapõem à maldade humana [...]. Os que nêle se colocaram nem sabiam que suas palavras seriam um dia reunidas em volume e lançadas à publicidade, ao lado de brados de repulsa à barbárie que ameaça a civilização hodierna [...]. Nosso trabalho constituiu apenas em colhêr opiniões abalizadas, expendidas ao acaso, em várias oportunidades e em diferentes lugares. Haverá pequenas divergências, de um autor para outro. Mas a idéia principal- repulsa ao comunismo- é sempre a mesma, imutável, eloqüente (SILVA, 1938, p. 07.).

A idéia de uma luta entre opostos: maldade versus bondade humana, barbárie versus civilização apareceu de forma recorrente na historiografia militar do Estado Novo. A editora do Exército investiu em uma literatura anticomunista, que representou os comunistas como subversivos e ateus. “Os traidores da pátria a serviço de Moscou” eram símbolos da maldade humana, destruidores dos pilares da sociedade: a família, a pátria e religião.

A mesma editora publicou uma série de narrativas biográficas sobre os grandes heróis do Exército no Estado Novo. O medo de possível influência comunista dentro do Exército levou essa editora a publicar textos contrários a essa ideologia. Mas ao mesmo tempo tal instituição reforçou o ideal de legalidade, de cumprimento do dever e sacrifício em prol da profissão, através das narrativas biográficas dos grandes militares.

As construções das figuras dos heróis e dos traidores do Exército foram estratégias políticas complementares. Enquanto a representação do mau comunista visava repelir certas condutas ideológicas dentro do Exército. A imagem do herói representava o altruísmo e o sacrifício do indivíduo pela pátria e pela instituição castrense, um modelo de identificação e de contemplação. Portanto, os conceitos dos heróis e dos traidores demonstram a concepção do soldado tido como ideal dentro do Exército e formação de uma identidade militar no Estado Novo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. História e memórias dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (re)sentimento: indagações em torno de uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2001.

BERKOWICZ, Clarice Araújo. Da biblioteca do Exército à biblioteca militar: o lugar ocupado pela instituição no Estado Novo. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, ANPUH**. São Paulo, julho de 2011.

BOEIRA, Luciana. **Como salvar do esquecimento os atos bravos do passado rio-grandense: a Província de São Pedro como um problema político-historiográfico no Brasil Imperial**. Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta, AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

- CASTRO, Celso. **A invenção do Exército**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CARVALHO, José Murilo de. Vargas e os militares: aprendiz de feiticeiro. In: D'ARAÚJO, Maria Celina. (Org.). **As instituições na era Vargas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CEZAR, Temístocles. **Livros de Plutarco: biografia e escrita da história no Brasil do século XIX**. Métis: história e cultura, Caxias, n.03, jan/jun de 2003, p.73-94.
- COELHO, Edmundo Campos. **Em busca da identidade: o exército e política na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.
- COSTA, Wilma Peres. A Independência na historiografia brasileira. In: JANCSÓ, Ivan. (Org.). **Independência: história e historiografia**, São Paulo: Hucitec, 2005.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico**. São Paulo: USP, 2009.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- OLIVEIRA, Natália Vial de. A Intentona Comunista na Bibliex: em guarda contra o comunismo. In: **Anais do XIV Encontro Regional da Associação Nacional de História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, julho de 2010.
- OLIVEIRA, Priscila Roatt de. **A representação de Manoel Luís Osório na historiografia militar do Estado Novo**. Monografia (Curso de História)- UFSM, Santa Maria, 2012.
- SCHIMIDT, Benito. **Biografia e regimes de historicidades**. Métis: história e cultura, Caxias, n.3, jan./jun., p.35-56, 2003.

## FONTES DOCUMENTAIS

- LIMA, Onofre Muniz Gomes de. **Osório**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.
- MESQUITA, José Barnabé. **O Exército, fator de brasilidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1941.



Relatórios dos Ministros de Estado de Guerra. Rio de Janeiro: imprensa do Estado Maior do Brasil, 1936-1939. Disponível em: < <http://www.crl.edu/brazil/ministerial>> Acesso: 10 de nov. de 2013.

Revista a **Defesa Nacional**, 1945, (Acervo do Arquivo do Exército, Rio de Janeiro)

SILVA, Valentim Benício. **A influência dos pais de família na defesa nacional**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940.

\_\_\_\_\_. **Antonio João**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1938.

\_\_\_\_\_. **Floriano Peixoto, sua vida, seu nacionalismo e sua glória**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1939.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: **Em Guarda Contra o Comunismo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar.

\_\_\_\_\_. **Osório na infância, na adolescência, na família e na imortalidade**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1939.

VIANA, Lobo. **Tuiuti é Osório, Osório é Tuiuti**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940